

ENTREVISTA / João Targino, juiz e idealizador da Orquestra Cidadã

"O projeto dá vida às pessoas"

Idealizador do projeto que completou 20 anos destaca o poder transformador do programa que atende a mais de 400 crianças e jovens. Ex-alunos atuam no exterior

Pode lembrar como foi o início do projeto?

A Orquestra Criança Cidadã teve início a partir de uma experiência que eu vivi como coordenador do programa Criança Cidadã do Tribunal de Justiça de Pernambuco. No ano 2000, portanto há 26 anos, no início da gestão do então desembargador Nildo Nery dos Santos, como presidente do Tribunal de Justiça, ele decidiu por inovar, introduzindo um programa social como o carro-chefe de sua gestão. Isso foi algo revolucionário, porque todos os outros presidentes que vieram antes e depois tiveram a preocupação de cuidar do aspecto fim do Poder Judiciário, que é julgar e entregar a prestação jurisdicional aos jurisdicionados. O desembargador Nildo achou por bem ter como carro-chefe de sua gestão um programa voltado para pessoas, notadamente crianças e adolescentes, que se encontravam em situação de vulnerabilidade. Ele tinha uma longa trajetória na área criminal e entendia que o melhor caminho era o caminho da prevenção. Com o programa Criança Cidadã, ele buscou apoiar e introduzir ações que visassem primordialmente o aspecto preventivo. E aí, dentre essas ações que foram empreendidas no programa, teve uma que me chamou a atenção, que foi um coral de crianças de rua. Nós instituímos um coral de crianças de rua que foi regido pelo maestro Geraldo Menucci, um maestro pernambucano que residia em Olinda. E essa prática foi suficiente para convencer-me de que a música e o canto são instrumentos verdadeiramente transformadores na vida das pessoas.

Como foi a ideia de criar uma orquestra?

Quando o desembargador Nildo saiu da presidência do tribunal, em fevereiro de 2002, eu passei a nutrir

Marcelo Cavalcanti



o desejo de instituir dentro da Associação Beneficente Criança Cidadã, criada para dar sequência às ações. Aí eu passei a ter a certeza de que nós deveríamos criar a partir dessa experiência com o coral, não um coral, mas uma orquestra, algo maior, algo mais robusto para dar oportunidade a crianças pobres, obviamente, de uma das comunidades do Recife. A comunidade escolhida foi o Coque, que apresentava os piores índices de desenvolvimento humano de Pernambuco.

E como começou a materializar esse espaço?

Antes de iniciar propriamente o período gestacional desse projeto, eu tinha tido uma experiência de trabalho neste quartel (do Exército, onde funciona a sede da Orquestra). E sabia o tamanho dessa unidade, os vários departamentos, galpões que existem por conta de um trabalho que eu tinha feito no âmbito jurisdicional. Então, eu disse: "Se nós vamos fazer um projeto para contemplar garotos do Coque, nós devemos buscar fazê-lo dentro daquela unidade (militar) porque aí nós já ganhamos com algo que iria nos custar muito alto, que seria o item segurança". Eu conhecia, na época, o comandante da 7ª Região Militar, que era o general Santa Rosa, um homem elevado espiritualmente, uma pessoa extraordinária. Marquei uma audiência com ele e expus a minha ideia. Quando eu terminei, ele pegou o telefone fixo e ligou para o coronel Elcio de Freitas Martins, que

era o comandante quartel, e disse: "Abra as portas do Exército para ele". Então conseguimos a sede do projeto, onde tínhamos toda segurança.

Como foi a aproximação com o maestro Cussy de Almeida?

Logo no início das obras, convidei o maestro Cussy de Almeida, que foi o primeiro diretor artístico da Orquestra Criança Cidadã. Ele é o artista musical do projeto. Um nome já reconhecido em Pernambuco, no Brasil, que chegou a escrever partituras a pedido de Villas Boas, em Paris, na década de 1950. Ele estava se recuperando de uma grave doença, havia passado vários dias internado, mas acho que a experiência, o talento não envelhecem, pelo contrário, só crescem, pensei: "Ele vai nos ajudar, até porque ele também precisa de alguma coisa que lhe devolva à vida e foi exatamente o que o que aconteceu com ele. Ele ganhou vida com esse projeto, porque é um projeto que dá vida às pessoas. Ele teve um papel importantíssimo aqui, porque além do talento que tinha, ele era muito rigoroso no aspecto disciplinar, às vezes até além da conta, mas isso foi primordial para colocar o trem nos trilhos. Então, nós tivemos a oportunidade de termos um maestro reconhecido, um homem que tinha uma formação musical muito sólida na Europa. Ele estudou na Suíça, na França. Tinha um repertório musical dentro de si muito grande, sem falar no grande talento para o violino. Ele disse a mim: "Olha, doutor Targino, eu aceito com uma condição, de que esse projeto não siga só somente com recursos derivados do Estado, com verba estatal, mas também que tenha verba da iniciativa privada, porque eu já sofri muito com o Estado, eu já tive grandes decepções e não gostaria que fosse com um projeto conduzido só com verba estatal. Eu expliquei, então, para ele que nunca tive o compromisso de fazer algo só com o Estado, porque a iniciativa privada é muito maior e deve colaborar muito mais do que o próprio Estado. Aí ele aceitou.

E os recursos?

Nós precisávamos, obviamente, dos instrumentos. E de um recurso para gente impulsionar, para comprar a mobília, pagar os primeiros salários... A ideia nunca foi fazer um projeto de voluntários porque não funcionaria no Brasil. Então, nós fomos ao então presidente da CNI, um pernambucano, o Dr. Armando Monteiro Neto. Ele viu o projeto e perguntou: "A parte orçamentária está onde? Eu disse: "No fim". E ele disse: "Os instrumentos estão garantidos porque não existe orquestra sem instrumento". Mas faltavam recursos para a gente começar. Aí, nós fomos a Chesf, que incentivou muito a cultura do Nordeste. Precisávamos de dinheiro para comprar mesa, para comprar cadeira e para pagar as pessoas. Fomos ao então presidente, Dr. Dilton da Conti.